



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
CURSO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA
ÁREA DE LINGUAGENS E CÓDIGOS
PROFESSORA: ELISSANDRA BARROS

Formação de palavras em *Palikur* (Aruak)

José Passinho Ioiô
Henrique Batista¹

Resumo: O povo Palikur é distribuído em dois grupos principais, um que vive na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque-AP e outro que reside na cidade de *Saint George*, Guiana Francesa. Esse povo fala a língua Palikur, que pertence a família lingüística Aruák. Neste artigo apresentamos alguns afixos que contribuem na formação de palavras em Palikur, acompanhados por sua significação na língua. Para a realização deste trabalho pesquisamos uma lista de palavras, as separamos em grupos, sempre observando aquelas que apresentavam afixos (partes das palavras que se ligam ao radical) em comum. Depois buscamos identificar o radical das palavras coletadas e separamos os afixos em prefixos e sufixos. Não se trata de um assunto esgotado na língua, uma vez que a utilização de prefixos e sufixos para a formação de novas palavras é bastante produtiva em Palikur e aqui apresentamos somente exemplos pontuais dessa utilização.

Palavras-chave: Linguística – Línguas Indígenas – Formação de Palavras - Palikur

¹Indígenas da etnia Palikur, concluintes do Curso de Licenciatura Plena em Educação Escolar Indígena na Área de Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Amapá. Docentes do Sistema Modular de Ensino Indígena (SOMEI), atualmente atuando na Aldeia Kumenê.

Matkunka: Pareykwene arukwayene igkis usakwa aminatak pigikna iwetrit nawanewa giw paha, pahabu usakwa avit paranavitak avit pareikwene giwaxrikis kewniye Uaçá, avit waxri uyapkun, pahabume usakwa parasivritak, igkis awna giwnavrikis parikwaki pes ariwntak yuwit Aruak. Inin iwyt asuh ekenne amim iwyt abuskunene ku pariye pes ariwntak ariw ariku parikwaki. Ku pariye wew akak arakamnika. Henneme avit usuh tamakni abet wanivri parikwaki usuh ivegva ka aynesnima yuwit tamaka amadga kagta usuh mbekebdini ku pariye ik adaha usuh iki akisut ariwtak indyewatnene yuwit. Ayteke usuh ibekemni adahan pahabu. Avanenekwa avurinenekwa neras ariwntak iwit indyewatnene. Ayteke usuh iwasa ku pariye awna Amim indyewatnen yuwit ku pariye utikpa, ibekemni, abusku, ariwntak, akavuska. Adahan keh mukune yuwit, hawwata kaaynsima aymun parikwaki. Ay usuh hiyapkis inenewa abektey gawadan inin kawinka.

Yuiwit akavuska: Yuiwitkeknewwi - Yuwit parikwaki - Yuwit akavuska ahumwan ariku parikwaki

Formação de palavras em *Palikur* (Aruak)

1. Um pouco sobre o povo e a língua Palikur

A formação do povo Palikur, de acordo como o que contam os antigos, surge desde há muito tempo. Desde quando eles descobriram o espaço onde estão hoje. Os Palikur são citados na região por viajantes desde o século XVI, e toda a região do noroeste do Amazonas foi chamado de Costa Paricura por Vicente Pinzón (1513) devido a esse povo. Em 1900, os Palikur dividiram-se entre os dois lados. Mas, apesar de estabelecerem núcleos fixos de população em cada um dos lados, jamais deixaram de realizar suas viagens de barco para visitar seus parentes, vender seus produtos (farinha, canoa de madeira, etc.) ou por motivos religiosos, sempre há algum motivo para deslocar-se para a Guiana ou vice-versa.

Segundo Capiberibe (2007) no ano de 1996 e 1998 no século XX as populações Palikur foram bastante reduzidas devido às perseguições dos não-indígenas, aos caçadores de escravos e diversas epidemias. A população total caiu para 186 pessoas. Mas ao longo deste século ocorreu uma retomada do crescimento populacional, registrando um crescimento vegetativo entorno de 20% por década.

Atualmente no Brasil os Palikur formam uma população de aproximadamente 1600 pessoas que vivem às margens do rio Urucauá, afluente da bacia do Uaçá, na região do Oiapoque, norte do Estado do Amapá, extremo norte do Brasil. Eles estão divididos em 11 aldeias, as margens do rio Urucauá: Flecha, Tawary, Urubu, Amomni, Primeiro Mangue, Segundo Manga, Kumene, Kwikwit, Puwaytyeket, Kamuywá, Yanawa e Iwawka. Apenas a aldeia Iwawka encontra-se mais afastada das outras, pois está fixada na BR-156, que liga Macapá ao Oiapoque, no perímetro do quilômetro 80. Na Guiana Francesa a população Palikur em 1994 contava com cerca de 720 pessoas que viviam em bairros Palikur localizados dentro da cidade de Sant Georges de l'Oyapock e em vilas no entorno da capital, Caiena.

Os Palikur possuíam organização social baseada em clãs. Os relatos indicam que cada clã utilizava uma língua própria, embora não se tenha conhecimento de

estudos que possam comprovar se eram realmente línguas diferenciadas ou se tratava de dialetos de uma única língua. O fato é que ainda há vestígios dessa diversidade lingüística relacionada aos clãs, principalmente na fala utilizada pelos mais velhos, nos cânticos e narrativas contadas por eles e que, em muitos casos, não são compreendidas pelos mais jovens de clãs diferentes.

Com a concentração dos Palikur em uma grande aldeia, o Kumenê, ocorrida principalmente por questões religiosas relacionadas à conversão em massa dessa população as religiões evangélicas, os Palikur hoje consolidaram uma mesma língua, o *Parikwaki* ou *Palikur*, que pertence à família linguística Aruak. Deve-se ressaltar que eles são o único povo indígena que fala uma língua Aruak na região, onde predominam as línguas da família Karib. Contudo, por localizarem-se em uma região de grande diversidade lingüística, a língua Palikur sofre hoje influência da língua Kheuól, falada pelas etnias Karipuna e Galibi-Marworno; além das línguas portuguesa e francesa.

Nas aldeias o Palikur é a língua materna, utilizada correntemente em todas as atividades cotidianas. Hoje as crianças são alfabetizadas em língua materna e estudam português na escola, como segunda língua. Em virtude do contato com a sociedade envolvente, em sua maioria os Palikur também falam e/ou entendem o português, principalmente os jovens.

2. O registro da língua

A ortografia da língua Palikur foi elaborada por dois missionários, Harold e Diana Green, ligados ao *Summer Institute of linguistics* (SIL). Em 1968 iniciou-se a produção da escrita na língua Palikur, no ano seguinte foram escolhidos dois Palikur que entendiam raramente a escrita da língua portuguesa para ajudar na tradução da Bíblia do Novo Testamento. Após esse trabalho os Palikur começaram a aprender a ler e escrever na língua Palikur e também na língua portuguesa, sempre a partir de textos religiosos.

Em 1997 o SIL publicou a *Gramática sucinta da língua palikúr* que explica a ortografia em Palikur, comparando-a com os símbolos ortográficos do português e

mostrando aspectos gerais da morfologia e sintaxe da língua. Também é de autoria de Harold e Diana Green um vocabulário das três línguas faladas na região, intitulado *Vocabulário Português-Palikúr-Kheuól*, publicado pelo SIL em 2004.

Fora do aspecto lingüístico, foi publicado em 2007 o livro *Batismo de fogo: os palikur e o cristianismo*, de Artionka Capiberibe, que trata sobre o processo de conversão dessa etnia às religiões cristãs, em especial o catolicismo e o pentecostalismo. Afora os textos citados, pouco material fora produzido na e sobre a língua Palikur, geralmente são textos dos próprios professores para fins didáticos ou textos para serem utilizados nas cerimônias religiosas, principalmente traduções bíblicas.

3. Objetivo do trabalho e metodologia de pesquisa

O objetivo de nosso trabalho é estudar alguns afixos que contribuem na formação de palavras em Palikur. Para isso pesquisamos uma lista de palavras e as separamos em grupos, sempre observando aquelas que apresentavam afixos em comum. Depois buscamos identificar o radical das palavras coletadas e separamos os afixos em prefixos e sufixos. Também pesquisamos nos livros que foram produzidos pelos missionários do SIL para ver se havia alguma coisa falando dos prefixos, mas não encontramos discussões sobre esse assunto específico.

As palavras que coletamos tiveram que ser separadas por grupos, de acordo com seus prefixos e sufixos. Com elas fizemos um quadro e depois analisamos para buscar entender o significado em Palikur de cada um dos afixos encontrados. Encontramos muitos elementos que ainda não conseguimos identificar o significado isoladamente, por isso aqui nós apresentamos apenas aqueles que conseguimos identificar o seu significado.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

Neste momento apresentaremos as palavras em Palikur e procuraremos identificar os seus afixos e a função deles nessas palavras, mas primeiro vamos

esclarecer o que são *afixos*. Segundo Dubois (2006) o *afixo* é um morfema não-autônomo que é acrescentado ao radical, podendo exercer variadas funções. Se vierem antes do radical são chamados de *prefixos* e após o radical tem o nome de *suffixos*. Em Palikur há uma variedade muito grande de afixos, que se unem ao radical para formar novas palavras. Aqui vamos mostrar alguns deles, explorando o significado que carregam na língua.

4.1. Prefixos

Os prefixos podem exercer muitas funções na língua, e em Palikur há uma classe muito produtiva de prefixos, os chamados *prefixos pronominais*, que discutiremos a seguir. Esses prefixos se ligam sempre a nomes possuídos, ou seja, àqueles com os quais podemos estabelecer uma relação de posse. Essa posse pode ser *obrigatória*, que é como nos referimos à ligação de maneira necessária com o possuidor; ou *não-obrigatória*, quando dizem respeito às coisas e objetos que não tem uma relação necessária com o possuidor. Em Palikur não é possível dizer “mão”, faz-se necessário identificar sempre o possuidor, ou seja, “minha mão, mão dele, mão de alguém”. Trata-se, portanto, de um nome obrigatoriamente possuído. Já objetos como caneta e caderno, por exemplo, não precisam necessariamente de um possuidor e não estabelecem uma relação necessária com este, por isso são possuídos mas não obrigatoriamente.

a. Prefixos pronominais: em Palikur, nomes possuídos começam com um prefixo pronominal que indica o dono e terminam com um sufixo que pode ser traduzido como *de* (SIL, 2000, pág. 13) conforme os exemplos 01-06, em que temos os prefixos pronominais *gu* e *gi*, acompanhados dos sufixos *-a*, *-ni* e *-was* abaixo:

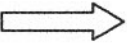
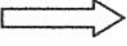
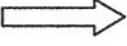
(01) <i>wihwetet</i>	“camisa”	<i>gu + wihwet + ni</i>	<i>guwihwetni</i>
		ela + camisa + de	“camisa dela”
		<i>gi + wihwet + ni</i>	<i>giwihwetni</i>
		ele + camisa + de	“camisa dele”
(02) <i>aragbus</i>	“espingarda”	<i>gu + gagbus + a</i>	<i>Gwihwetni</i>

b. Nomes obrigatoriamente possuídos

(06) <i>isemnut</i>	"cabelo"	nu + <i>semnu</i>	<i>nusemnu</i>
		eu + cabelo	"meu cabelo"
		gu + <i>semnu</i>	<i>gusemnu</i>
		dela + cabelo	"cabelo dela"
		gi + <i>semnu</i>	<i>gisemnu</i>
		dele + cabelo	"cabelo dele"
(07) <i>awak</i>	"mão"	nu + <i>wak</i>	<i>Nuwak</i>
		eu + mão	"minha mão"
		gu + <i>wak</i>	<i>guwak</i>
		eu + mão	"mão dela"
		gi + <i>wak</i>	<i>giwak</i>
		eu + mão	"mão dele"
(08) <i>abiy</i>	"boca"	nu + <i>biy</i>	<i>gubiy</i>
		eu + boca	"minha boca"
		gu + <i>biy</i>	<i>gubiy</i>
		dela + boca	"boca dela"
		gi + <i>biy</i>	<i>gibiy</i>
		dele + boca	"boca dele"

Os dados acima exemplificam situações de nomes possuídos com possuidor identificado, mas em alguns casos não é possível identificar quem é esse possuidor, o que vem marcado na língua através da utilização do prefixo *i-* combinado com o sufixo *-t*, como nos exemplos (09) – (11).

c. Nomes obrigatoriamente possuídos com possuidor indeterminado

(09)	nu-semnu	<i>nusemnu</i>	"meu cabelo"
	gu-semnu	<i>gusemnu</i>	"cabelo dela"
	gi-semnu	<i>gisemnu</i>	"cabelo dele"
	 i-semnu-ti	<i>isemnuti</i>	"cabelo de alguém"
(10)	nu-wak	<i>nuwak</i>	"minha mão"
	gu-wak	<i>guwak</i>	"mão dela"
	gi-wak	<i>giwak</i>	"mão dele"
	 i-wak-ti	<i>iwakti</i>	"mão de alguém"
(11)	nu-biy	<i>nubiy</i>	"minha boca"
	gu-biy	<i>gubiy</i>	"boca dela"
	gi-biy	<i>gibiy</i>	"boca dele"
	 i-biy-ti	<i>ibiyti</i>	"boca de alguém"

Os prefixos acima são sempre pronominais, marcam a pessoa com a qual se liga o significado da raiz. Abaixo temos o caso de prefixos com uma outra função, a negação:

d. Prefixo de negação ka-

O prefixo *ka-* é uma forma produtiva de fazer a negação em Palikur. Ele funciona como uma negação do sentido da raiz, como nos exemplos a seguir:

(10)	kabay	"está bom, tudo bem"
	ka-kabay	"não está bom, não está bem"
(11)	mayuw	"ajuda"
	ka-mayun	"não ajuda"
(12)	ayin	"aqui"
	ka-ayma	"não está aqui"

4.1.Sufixos

Como dito anteriormente, os sufixos são elementos significativos que se ligam ao radical para formar novas palavras. Em Palikur existe uma grande quantidade de sufixos e aqui apresentaremos alguns deles:

a. Sufixo –vu: indica grande concentração de determinado ser ou objeto expresso pelo sentido do radical.

(13)	Glosa	(14)	Glosa
<i>Mahk</i>	“manga”	<i>mahk-vu</i>	“mangueiral”
<i>Was</i>	“açai”	<i>was-vu</i>	“açazal”
<i>Uwas</i>	“laranja”	<i>uwas-vu</i>	“laranjal”

b. Sufixo –akat: designa perna, tronco do qual se origina o objeto expresso pelo radical. Nos exemplos a seguir indica a árvore que produz o fruto.

(15)	Glosa	(16)	Glosa
<i>Mahk</i>	“manga”	<i>mahk-akat</i>	“mangueira”
<i>Was</i>	“açai”	<i>was- akat</i>	“açazeiro”
<i>Uwas</i>	“laranja”	<i>uwas- akat</i>	“laranjeira”

c. Sufixo –vutn-: indica aquele que pratica, que faz a ação regularmente.

(17)	Glosa	(18)	Glosa
<i>Pak</i>	“vaca”	<i>pake-vutn-e</i>	“vaqueiro”
<i>Amutri</i>	“fazenda”/ planta	<i>amutri-vutn-e</i>	“fazendeiro”/plantador
<i>Kay</i>	“dança”	<i>kayke-vutn-e</i>	“dançarino”
<i>wewva</i>	“caça”	<i>wewwake-vutn-e</i>	“caçador”

Na série (18) –e marca o masculino, no caso de feminino teríamos –o, como nos exemplos a seguir:

(19)	Glosa
<i>pake-vutn-o</i>	"vaqueira"
<i>amutri-vutn-o</i>	"fazendeira" plantadora
<i>kayke-vutn-o</i>	"dançarina"
<i>wewvake-vutn-o</i>	"caçadora"

e. Sufixo –aket, –eket: indica o lugar onde há uma grande quantidade de determinada coisa expressa pelo significado do radical.

(20)	Glosa	(21)	Glosa
<i>wewva</i>	"caça"	<i>wewva-y-eket</i>	"lugar onde se caça"
<i>pwayt</i>	"remo"	<i>pwayt-y-eket</i>	"lugar onde se tira pau para fazer remo"
<i>umuh</i>	"canoa"	<i>umuh-y-aket</i>	"lugar onde se tira pau para fazer canoa"
<i>kunan</i>	"tucunaré"	<i>kunan-y-aket</i>	"lugar onde se pesca tucunaré"

f. Sufixo –pta: carrega uma noção mais ampla, a de espaço. A diferença para os sufixos –eket e –aket é que esse espaço não é determinado.

(22)	Glosa	(23)	Glosa
<i>akuk</i>	"pé"	<i>ukuk-a-pta</i>	"espaço onde se pisa"
<i>amutri</i>	"planta"	<i>amutri-pta</i>	"espaço onde se planta"
<i>Payt</i>	"casa"	<i>payt-a-pta</i>	"espaço onde se faz casa"

5. Considerações Finais

Existem ainda muitos outros afixos em Palikur, não tentamos nesse trabalho esgotar as possibilidades na língua. Acreditamos que o fundamental tenha sido entendermos um pouco de seu funcionamento e contribuirmos para o entendimento destes aspectos lingüísticos. Gostaríamos de ressaltar que estudos mais aprofundados precisam ser feitos com o objetivo de verificar a formação das palavras em Palikur, mas acreditamos termos dado nossa contribuição.

6. Referências Bibliográficas

CAPIBERIBE, Artionka. **Batismo de fogo: os palikur e o cristianismo**. São Paulo, FAPESP-ANABLUME, 2007.

GREEN, Diana; GREEN, Harold. **Você pode ler e escrever na língua palikúr: gramática sucinta da língua palikúr**. Belém-PA, SIL, 1997.

GREEN, Diana; GREEN, Harold. **Vocabulário Português – Palikur – Kheul**. Belém-PA, SIL, 2004.

MIRANDA, Marlui. **Ponte entre povos**. São Paulo: SESC, 2005.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos Indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. Museu do Índio, Rio de Janeiro, 2007.